

“Não vejo como dizer não à conversa com Lula”

O senador Arthur Virgílio (AM), 61 anos, é líder do PSDB no Senado. Foi prefeito de Manaus e deputado federal por três mandatos, além de líder da bancada tucana no governo Fernando Henrique e secretário-geral da Presidência. Concorreu ao governo do Amazonas este ano.

Tina Vieira e Daniel Pereira

Uma conversa no voo entre Três Lagoas (MS) e Brasília foi o suficiente para o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), voltar às boas com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Apesar das críticas por ter aceitado carona no avião presidencial, o mais duro crítico do governo admite: está feliz de restabelecer relações com o petista, a quem chegou a ameaçar com uma sova.

A reaproximação não significa que o tucano está disposto a abandonar a vigilância feroz sempre que julgar necessário. Mesmo assim, defende o diálogo entre oposição e governo em torno de uma agenda de interesse do país. Quem se recusa ao debate, afirma Virgílio, não trouxe lições da ditadura.

— Se o presidente Lula quiser meramente a foto, será um gesto bobo. Se fizer mais do que a foto, não vejo como dizer não à conversa.

O senhor desempenhou o papel do "inocente inútil" que o ex-presidente Fernando Henrique tinha reservado ao governador Aécio Neves?

— Nem inocente nem inocente útil. Muito menos inocente inútil. Viajei com o presidente por cortesia. Não vejo como algum tucano possa se recusar a isso.

Então, para o senhor ficou claro que a oposição tem de sentar à mesa para debater com o presidente?

— Se o presidente Lula quiser meramente a foto, será um gesto bobo. Se ele fizer mais do que a foto, não vejo como dizer não à conversa.

Chamados a dialogar, que propostas a oposição tem para apresentar?

— Quem tem que fazer a proposta inicial é o presidente. A interação começa aí.

O senhor acha que a patrulha neste episódio do Aerolula decorreu exatamente do fato de ter sido um crítico voraz do governo Lula?

— Não mudou nada. Não vou reagir bem diante de fatos de corrupção, da inércia administrativa ou quando o presidente conversar e depois voltar para as piadinhas nas inaugurações.

No encontro com o presidente, o senhor disse que não remove uma vírgula de todas as críticas...

— Não precisou. Ele próprio disse: “Vocês são oposição, têm que ser oposição”. Quero registrar aqui: o presidente Lula tem que aprender a ouvir de mim as coisas mais duras quando eu tiver que dizê-las. Tem que ouvir de mim também, por intermédio desta entrevista, que fiquei feliz de restabelecer relações pessoais com ele. Não falava com o presidente desde julho de 2003.

O presidente Lula teve 83% dos votos no Amazonas, e o senhor, pouco mais de 3% na disputa pelo governo. Qual foi o recado das urnas?

— Foi no governo dele que foram prorrogados os incentivos fiscais da Zona Franca de Manaus. Com a nossa interação, mas ficou no imaginário popular que foi ele que fez. O Amazonas acha que



LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM 23/03/2004

“O presidente Lula tem que aprender a ouvir de mim as coisas mais duras quando eu tiver que dizê-las”

O presidente insiste em que uma ampla reforma não é necessária.

— Não se consegue crescimento efetivo sem mexer profundamente nas estruturas. Não é possível fugir da reforma da Previdência.

O PFL está sendo retrógrado ao se negar a debater com Lula e irresponsável ao tentar patrocinar aumentos como o 13º do Bolsa Família?

— Não digo que esteja sendo irresponsável nem digo que o PFL tenha sinalizado que vá se recusar a conversar com o presidente. O que ouço é que eles precisam de uma sinalização de agenda e que a negociação teria que ser no Congresso.

Se a agenda proposta pelo presidente der certo, será ruim para a oposição?

— Não perdemos se o Brasil for para a frente, porque não perde aquele que tem São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas mãos. Não perde quem tem mil prefeitos e a tradição de disputar na cabeça as eleições presidenciais.

O presidente do PSDB, Tasso Jereissatti, está preparado para dialogar com o governo?

— Se chamar, não tem como não ir. E não quer conversa fiada. Quer conversa prática.

“Não se consegue crescimento efetivo sem mexer profundamente nas estruturas. Não é possível fugir da reforma da Previdência”

deve isso ao Lula. O presidente, neste momento, está com tudo e não está prosa no Amazonas.

Na eleição, a oposição não apresentou claramente o remédio amargo para resolver os problemas do país. Como será agora?

— O Lula fugiu do tema, e o Geraldo Alckmin foi tímido. Falou que precisava fazer reforma da Previdência, coisa que o Lula não falou.